

Referenciação diante da tradução ‘*per se*’: a Libras como língua de chegada

Leidiani da Silva Reis (PG-Unioeste/Bolsista Capes)<sup>1</sup>

Iara Mikal Holland Olizaroski (PG-Unioeste)<sup>2</sup>

Jorge Bidarra (Orientador – Unioeste)<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho norteia-se por discussões acerca da tradução *per se* de Baker (1993), uma vez que se reconhece essa atividade enquanto espaço diferencial que deve ser privilegiado na cultura de chegada. Nessa perspectiva, adota-se como metodologia a abordagem da Linguística de *Corpus*, a qual sugere os recursos da ferramenta Wordsmith 4.0 como auxílio na seleção e coleta de sentenças. Assim, o objetivo desse artigo é analisar o modo como os elementos referenciais são introduzidos na Língua Brasileira de Sinais (Libras), assumindo como ponto de partida a Língua Portuguesa. Para isso adota-se, como meio de representação da Libras, a glosa – tradução interlínguas – com intenção de construção de um *Corpus* Paralelo. Enquanto em Língua Portuguesa os estudos sobre os elementos referenciais dão conta de que os pronomes, as expressões nominais, entre outros, desempenham um papel crucial, na Libras, o recurso disponível se dá em via de “indicação” de pontos determinados no espaço, normalmente marcados pelo enunciador, a sua frente. Justamente por ser uma língua visuoespacial, o dêitico-anafórico, nas análises realizadas, tem-se mostrado o mecanismo de coerência e coesão de maior expressividade na Libras. Fazem parte também desse processo os classificadores, a flexão verbal, bem como a predominância do discurso direto nas estruturas da Libras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução *Per se*; Referenciação; Interface Língua Portuguesa-Libras; *Corpus* Paralelo.

**ABSTRACT:** This work is guided by discussions about the *per se* translation by Baker (1993), once this activity is acknowledged as a differential space that must be privileged in the target culture. So, as the methodology, it is adopted the Corpus Linguistics, which suggests the Wordsmith tools 4.0 to assist on the selection and collection of the sentences. Therefore, the chief purpose of this paper is to analyze how the referential elements are introduced in the Brazilian Sign Language (Libras), taking as departing point the Portuguese. To do so, as a way of representation of Libras, the gloss is taken - Interlingua translation - with the intention of constructing a parallel Corpus. While in the Portuguese Language the studies about referential elements account that the pronouns, the nominal expressions, the synonyms, among others, play a crucial role, on Libras, the available resource is given by the “indication” of determined points in space, normally marked by the enunciator in front of them. Precisely because it is a visuospatial language, the anaphoric-deitic, at the performed analyzes, has shown itself as the most significant mechanism of cohesion and coherence in Libras. Also, the Classifiers, the verbal inflection, take part of this process, as well as the predominance of direct speech on the

<sup>1</sup> Aluna da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Doutorado, da Unioeste de Cascavel-PR. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: [leidianireis@hotmail.com](mailto:leidianireis@hotmail.com)

<sup>2</sup> Aluna da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Mestrado, da Unioeste de Cascavel-PR. E-mail: [iaramikal@hotmail.com](mailto:iaramikal@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Unicamp. Professor da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Unioeste de Cascavel-PR. E-mail: [Jorge.bidarra@unioeste.br](mailto:Jorge.bidarra@unioeste.br)

Libras structures.

**KEYWORDS:** *Per se* Translation; Referencing; Portuguese-Libras Interface; Parallel Corpus.

## INTRODUÇÃO

Embora, há muito tempo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) venha sendo usada pela comunidade surda em território nacional, foi somente em 24 de abril de 2002, com a publicação da Lei nº 10.436, regulamentada pelo Decreto nº 5.626, que ela se tornou a segunda língua oficial do país. O fato de ela ser uma língua visuoespacial, modalidade bastante distinta da Língua Portuguesa (língua oroaditiva), bem como a necessidade, cada vez maior, de se garantir um processo interpretativo e tradutório de qualidade, no que tange à interface entre as duas línguas, vem abrindo um leque de possibilidades de pesquisas avançadas, principalmente, na área da Linguística.

Seja nas línguas orais ou de sinais, a referenciação tem sido um dos principais assuntos que figuram na pauta dos debates teórico-científicos. Considera-se que, mais do que estabelecer simples retomadas de elementos linguísticos, o referido fenômeno é responsável por categorizar e recategorizar objetos-de-discurso, materializando atitudes tomadas pelo autor para a construção de determinado(s) sentido(s), imprimindo pistas linguísticas que guiam o leitor na interpretação. Nessa perspectiva, aborda-se a referenciação a partir da concepção sociocognitiva-interacional, que toma tal processo como uma atividade discursiva (KOCH, 2005).

Apesar da complexidade envolvida no modo como se manifestam e a forma como se relacionam os itens que tomam parte do processo referencial nas línguas orais, os avanços têm sido notáveis. O mesmo, no entanto, não acontece com relação às línguas de sinais, especialmente quando se trata da Libras. Nesse contexto, analisar o modo como os elementos referenciais se concretizam na Libras, tomando como ponto de partida a Língua Portuguesa, torna-se o principal foco desse artigo.

Ao considerar o objetivo pretendido, adotando como meio de representação a glosa<sup>4</sup> em Libras, uma interlíngua associada às respectivas configurações dos signos produzidos na língua de sinais propriamente dita, o presente trabalho segue no sentido de identificar e descrever o grau de dificuldade enfrentado por tradutores diante da necessidade de transmitir ao surdo os

---

<sup>4</sup> Recurso usado para transcrição de traduções de palavras, frases e textos da língua fonte para a língua alvo, quando da necessidade da análise de um determinado trecho do discurso. A glosa é utilizada na transcrição do Português para Libras a fim de aproximar o significado de um signo de uma língua na outra. Esta transcrição facilita a análise das estratégias tradutórias à passagem de uma língua para outra (SANTOS, 2012).

enunciados originalmente produzidos em Língua Portuguesa, por meio de um *Corpus* Paralelo.

Do ponto de vista teórico-linguístico, mais exatamente, investiga-se os objetos-de-discurso no contexto da tradução *per se*, proposta por Baker (1993), a qual reconhece essa atividade enquanto espaço diferencial que deve ser privilegiado na cultura de chegada. Para tanto, elege-se como metodologia a abordagem da Linguística de *Corpus*, a qual sugere os recursos da ferramenta WordSmith 4.0 na operacionalização dos dados, posteriormente analisados conforme objetivo proposto.

## A REFERENCIAÇÃO

Tanto na modalidade de língua visuoespacial quanto na oroauditiva, a referenciação configura-se não simplesmente em um recurso de retomada de entidades do mundo; em outras palavras, não diz respeito a simples rótulos usados para designar as coisas do mundo (KOCH; MARCUSCHI, 1998), mas muito além disso: retrata uma forma de construção e reconstrução de objetos-de-discurso.

Depois de lançado (categorizado) no texto, o objeto é recategorizado por meio da estratégia de referenciação. Esse processo de construção e reconstrução de objetos-de-discurso é realizado por sujeitos, num processo de interação, o que significa dizer que carrega, dentre outros aspectos, os interesses e o ponto de vista dos interlocutores envolvidos no discurso.

Os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com a nossa percepção de mundo, nossos “óculos sociais”, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos (KOCH; ELIAS, 2006, p. 123, grifo das autoras).

Para Mondada e Dubois (2003) os objetos-de-discurso, sendo construídos e desenvolvidos discursivamente, não devem ser entendidos como se já estivessem prontos para serem utilizados ou como se fossem válidos para todos os sujeitos, pois eles não são estáticos e não seguem uma norma, mas são construídos conforme o contexto de interação.

Essa forma de conceber a referenciação é assumida por Koch (2004, p. 40), que propõe a seguinte descrição: “os objetos-de-discurso são altamente dinâmicos, ou seja, uma vez

introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual”. Esse processo dinâmico, segundo a autora, desenvolve-se como uma atividade discursiva realizada por sujeitos histórica e socialmente situados.

Essa construção e reconstrução de objetos-de-discurso, que se constitui como um processo dinâmico na progressão textual, ocorre quando um objeto é lançado no texto e utilizado novamente por meio da reconstrução. Mondada e Dubois (2003, p. 17) explicam melhor esse processo dinâmico ao afirmarem que “as categorias e os objetos-de-discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas, ancoradas nas práticas, nas atividades verbais ou não verbais, nas negociações dentro da interação”.

Partindo da perspectiva discursiva abordada a respeito da referenciação, Koch e Elias (2006) afirmam que a operação linguística referencial pode se dar por movimentos exofóricos ou endofóricos. No primeiro caso, recupera-se um elemento não enunciado no texto (dêitico); no segundo, o elemento recategorizado já foi apresentado no texto.

A referência endofórica, por sua vez, se subdivide em anafórica e catafórica. No processo anafórico, a remissão é feita para trás, ou seja, faz-se remissão a elementos anteriormente expressos no texto. Já no processo catafórico, a remissão é feita para frente. Tais processos não se resumem a simples movimentos projetivos e retrospectivos, mas retratam o trabalho de um determinado sujeito de categorizar e recategorizar objetos-de-discurso. Koch e Elias (2006, p. 127) apresentam exemplos que ilustram essa breve explicação:

- (a) Paulo saiu. *Ele* foi ao cinema.
- (b) Só quero *isto*: que vocês me entendam.

Os termos destacados são as remissões. Em (a), tem-se um processo anafórico, pois o pronome em destaque retoma um elemento anteriormente enunciado. Já em (b) é preciso seguir no texto para captar o referente, realizando um movimento catafórico. Essas formas de referenciar podem ser atualizadas de diferentes maneiras, por meio de diferentes estratégias textuais.

Quanto à anáfora, uma das estratégias fundamentais da referenciação, Marcuschi (2005, p. 54) postula que hoje o termo “anáfora” é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), “contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial”. Nesse contexto, para

esclarecer o termo “anáfora”, Marcuschi e Koch (2002) apresentam algumas considerações iniciais:

- a) Nem toda anáfora é pronominal;
- b) Nem toda anáfora é correferencial;
- c) Nem toda anáfora é uma retomada;
- d) Nem toda anáfora tem um antecedente explícito no contexto;
- e) Existem anáforas nominais (definidas ou não);
- f) Nem toda anáfora nominal é correferencial;
- g) Nem toda anáfora nominal é cossignificativa.

(MARCUSCHI; KOCH, 2002, p. 45)

A anáfora, muitas vezes, caracteriza-se por dar sustentação à coesão e à coerência, uma vez que é utilizada para que a temática seja processada de forma progressiva e significativa. Nesse sentido, Koch (2006, p. 131) afirma que ela é “a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial do texto”.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PARTICULARIDADES DO PROCESSO REFERENCIAL NA LIBRAS

Na língua de sinais, além de considerar a base teórica já citada acerca da referenciação, percebe-se algumas características específicas, que garante a progressão textual. Os referentes presentes são retomados, muitas vezes, de forma anafórica no sentido de estabelecerem correferência com o seu antecedente. Segundo Leal (2011), sua interpretação completa depende dos elementos introduzidos durante a conversação. Nas glosas-Libras, quase sempre, os procedimentos de referência utilizados recorrem ao discurso direto, i.e., é muito comum que o tradutor utilize-se de elementos referenciais diretos, recategorizados ou não, uma vez que a tradução Língua Portuguesa-Libras deve ser bastante pontual e clara aos sujeitos surdos (QUADROS, 2002).

Diferente da modalidade oroauditiva, na visuoespacial as anáforas vêm, comumente, acompanhadas dos dêiticos, fenômeno caracterizado como dêitico-anafórico. São processos diferentes que ocorrem de forma simultânea: o dêitico sugerindo marcação do ponto ou localização do referente; a anáfora, retomada do ponto para referir-se ao referente mencionado. Assim, na Libras, esse acontecimento gera a coesão textual visual das ideias.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a função dêitica em línguas de sinais é

realizada por meio da apontação propriamente dita. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, por meio da apontação em diferentes locais. Nesse contexto, percebe-se que o espaço é um dos elementos que favorece a coesão e a coerência dos textos enunciados em língua de sinais.

## A TRADUÇÃO BASEADA EM *CORPUS*

Antigamente o termo “equivalência” garantia uma orientação prescritiva da tradução, em que se acreditava sempre haver termo correspondente entre línguas. Nessa tradição teórica anterior, valorizava-se o texto e a cultura de partida. Era como se para cada palavra realizada numa determinada língua-fonte houvesse uma correspondente na língua-alvo. Mas sabemos que não é assim. Muitas são as situações que nos mostram o contrário (MAGALHÃES, 2001). Diante disso, diversos estudiosos investiram em pesquisas que passaram a valorizar a cultura de chegada, entre eles Frawley (1984), Pym (1993), Toury (2004), que inspiraram Baker – uma teórica egípcia que leciona Estudos de Tradução na Universidade de Manchester, na Inglaterra – a desenvolver uma disciplina que tenha o fenômeno da tradução como principal objeto de pesquisa.

É a partir do reconhecimento da tradução enquanto espaço diferencial que deve ser privilegiado na cultura de chegada que Baker, de uma tradição de estudos descritivos da tradução principalmente baseada em Toury, constituiu a tradução como objeto de pesquisa *per se*, avançando em direção à consolidação da disciplina Estudos da Tradução (MAGALHÃES, 2001, p. 95).

Atualmente, devido aos estudos de Baker (1993), a qual elege como quadro metodológico para pesquisa, a abordagem da Linguística de *Corpus*, é possível considerar a tradução como uma disciplina, que envolve o estudo *lato sensu*, abrangendo tradução literária e não-literária e várias formas de interpretação oral, além de dublagem e legendagem. Antes existia a tendência de se fazer a separação entre tradução literária e não-literária ou entre tradução e interpretação<sup>5</sup>, separação que se torna desnecessária diante do estado atual dos

---

<sup>5</sup> Para Schleiermacher, a verdadeira tradução era a literária, a de obras de arte, de clássicos da literatura. À tradução do mundo dos negócios e aquela a que hoje chamamos “técnica”, ele conferia a denominação de “interpretação”, e a via como uma atividade meramente mecânica, para a qual não eram necessários maiores embasamentos filosóficos. O valor que Schleiermacher conferiu à palavra “interpretação” (como sendo a tradução técnica) não perdurou. Mais tarde, à palavra “interpretação” foi concedido o sentido de tradução oral de discurso oral. Ainda hoje se emprega a palavra “interpretação” para se referir à tradução simultânea ou consecutiva que ocorre, por exemplo, nas conferências e julgamentos. Disponível em: <[http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/introducao\\_aos\\_estudos\\_de\\_traducao\\_1330351847.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/introducao_aos_estudos_de_traducao_1330351847.pdf)>. Acesso em: 12 de ago. 2013.

estudos da tradução. É importante ressaltar que Baker (1993) parte da visão da tradução como atividade essencial na formação da nossa experiência de vida e nossa visão de mundo. A referida autora defende os *textos traduzidos como registros de eventos comunicativos genuínos* que, como tais, devem ser considerados em pé de igualdade com os outros eventos comunicativos de qualquer língua (MAGALHÃES, 2001). Nesse contexto, podemos relacionar a visão bakeriana de tradução à concepção de linguagem como forma de ação entre sujeitos histórica e socialmente situados, que se constituem uns aos outros em suas relações dialógicas. Mais do que servir de meio para a transmissão de informações de um emissor a um receptor, ela se configura como

[...] forma ou processo de interação [...], usar a língua não é tão somente traduzir e interiorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar, sobre o interlocutor (ouvinte/falante). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana (TRAVAGLIA, 2000, p. 23).

Baker (1993) adota os *corpora*<sup>6</sup> como abordagem metodológica e afirma que a verdadeira virada nos Estudos da Tradução aconteceu como consequência direta do acesso de grandes *corpora* de textos originais e traduzidos, bem como do desenvolvimento dos métodos específicos e ferramentas para investigação desses *corpora* de formas adequadas para as pesquisas da área.

Ao considerar os contrastes dos *corpora* em duas ou mais línguas, segundo Magalhães (2011), Baker (1993) propõe três tipos principais de *corpora* para a tradução:

- i) Os paralelos, que consistem de textos originais, numa língua de partida A e suas versões traduzidas numa língua B. Eles permitem estabelecer, objetivamente, como os tradutores superam as dificuldades de tradução na prática e usam essa evidência para fornecer modelos realistas para o treinamento de tradutores; além disso, têm um papel crucial na exploração de normas de tradução em contextos socioculturais e históricos.
- ii) Os multilíngues, conjuntos de dois ou mais *corpora* monolíngues em línguas diferentes, criados na mesma instituição, com base nos mesmos critérios, os quais permitem estudar os itens e traços linguísticos no ambiente da língua tal como produzida originalmente. Sua utilidade está em dar acesso aos padrões naturais da língua objeto de estudo, têm, portanto, papel crucial

---

<sup>6</sup> Para Baker (1993 p. 22) *Corpus* é: “qualquer coleção de textos inteiros (...) em formato eletrônico, analisáveis automaticamente ou quase automaticamente”.

na preparação de material didático, no treinamento de tradutor e na melhoria dos sistemas de tradução automática.

iii) Os comparáveis, que consistem de duas coleções separadas de textos na mesma língua: um *corpus* de textos originais na língua em questão e o outro de textos traduzidos para essa língua, a partir de uma ou mais línguas determinadas. O papel desses *corpora* na disciplina de estudos da tradução é o de identificar padrões específicos dos textos traduzidos, sejam quais forem as línguas de partida ou de chegada.

Independente de quais *corpora* adota-se, é importante destacar que as pesquisas baseadas em *corpus* avançaram e mostram-se, gradativamente, necessárias para a evolução nas áreas da tradução, lexicologia, terminologia, entre outras. Desse modo, a situação das universidades brasileiras tem mudado devido à influência, no exterior, da pesquisa baseada em *corpus*, como também ao crescente intercâmbio com centros, também no exterior, onde a Linguística de *Corpus* e os estudos da tradução já estão mais desenvolvidos. Diante disso, de acordo com Berber Sardinha (2003, p. 70), os resultados alcançados com investigações fundamentadas em *corpora* têm demonstrado que “a organização da linguagem é muito mais complexa do que o suposto, ficando claro que a utilização de *corpora*, de certa forma, deixou de ser uma opção para investigações na área”.

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Para desenvolvimento do trabalho, tem-se como base a abordagem da Linguística de *Corpus*<sup>7</sup>, com vista a construir um *Corpus* Paralelo, que consiste em dois textos (Língua Portuguesa e Libras, original e tradução, respectivamente), organizados de forma que cada linha esteja em consonância com o seu correspondente na segunda língua.

A primeira etapa da pesquisa foi a seleção e coleta de sentenças em Língua Portuguesa<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Já na década de 60, os recursos tecnológicos vinham sendo empregados na pesquisa linguística. Uma das áreas que se beneficiou amplamente do uso da tecnologia foi a Linguística de *Corpus*, que vem se desenvolvendo e sendo aplicada a diferentes tópicos relacionados à linguagem, utilizando análise lexical, sintática e discursiva para pesquisa e ensino de línguas estrangeiras, tradução, estudos culturais, descrição linguística e várias outras práticas, em uma dada língua ou comparativamente (BERBER SARDINHA, 2003).

<sup>8</sup> É relevante destacar que o grupo de pesquisa ao qual fazemos parte já coletou em média 7.604 enunciados, com 18 palavras ambíguas, as quais são anexadas a uma pasta no Dropbox da equipe, com vários subdiretórios, organizados e estruturados conforme a necessidade.



(extraídas de jornais, revistas, livros, artigos, entre outros, com as devidas fontes), com auxílio dos recursos da ferramenta Wordsmith 4.0<sup>9</sup>. Ao término dessa etapa, os textos foram submetidos aos membros do grupo de pesquisa, tradutores (ouvintes) da Libras, qualificados pelo Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa (Prolibras), para que fossem passados para a glosa-Libras e traduzidos para a Libras prática. Com as diversas sentenças analisadas numa perspectiva semântico-lexical e com as respectivas glosas-Libras, o passo seguinte foi o uso da técnica de apreciação de conteúdo para a seleção e diagnóstico dos elementos referenciais presentes no *corpus* em questão. Após essa seleção, analisou-se o papel que desempenham na Libras, buscando descrever, assim, por meio do entrelaçamento, teoria e prática, características específicas no processo de tradução Língua Portuguesa-Libras.

#### ALGUMAS ANÁLISES

Apesar de ser um trabalho em fase inicial, identificamos nas glosas-Libras, a partir de textos traduzidos, os pontos em que os elementos referenciais ocorrem, discutindo, desta forma, tanto o modo como se manifestam quanto o papel que desempenham nessa língua.

Para fins deste trabalho, selecionamos 03 sentenças, as quais foram organizadas em “Análise da sentença 01”, “Análise da sentença 02” e “Análise da sentença 03”. Cada análise foi dividida em 02 quadros. No primeiro apresenta-se o texto em Língua Portuguesa, com análise dos elementos referenciais presentes. No segundo, expõe-se o mesmo texto em glosa-Libras, com a exposição do fenômeno em evidência. O recurso **negrito** foi utilizado quando da necessidade de destacar questões relevantes.

---

<sup>9</sup> Segundo Magalhães (2001), o Wordsmith Tools 4.0 – ferramenta proposta pela Linguística de *Corpus* - é um programa dedicado à triagem lexical e permite, a partir de textos pré-selecionados, a extração de concordâncias para a palavra de busca, clusters (agrupamentos frequentes), listas das palavras mais frequentes num texto e/ou palavras-chave. A seleção linguística ocorre por meio de três ferramentas: (a) WordList, (b) KeyWords, e o (c) Concord. O Wordlist permite a elaboração de listas de palavras a partir de arquivos de texto. O KeyWords capacita a comparação de uma lista de palavras de um *corpus* com um *corpus* de referência e o Concord, é um instrumento que produz concordâncias. Nesse trabalho, a operacionalização dos dados ocorreu por meio da primeira e terceira ferramenta, uma vez que, ao considerar os objetivos propostos nessa pesquisa, não era relevante nesse momento a KeyWords.

**Análise da sentença 01:****Quadro 01**

▶ <b>Texto em Língua Portuguesa:</b>
<i>Elas pediram carona no banco [de trás] do ônibus. As mulheres conversaram muito.</i>
<b>Catáfora:</b> Elas (participantes do enunciado), trás (advérbio de lugar).
<b>Referente:</b> As mulheres.

**Quadro 02**

▶ <b>Glosa-Libras:</b>
ÔNIBUS BANCO/SENTAR-ATRÁS MULHER^EL@S PASSADO PEDIR-CARONA. MULHER^EL@S CONVERSAR-MUITO.
<b>Dêiticos:</b> MULHER^EL@S (participantes do enunciado); BANCO/SENTAR-ATRÁS (advérbio de lugar).
<b>Dêitico-anafórico (simultâneo):</b> MULHER^EL@S (retoma correferencial sem recategorização).

No quadro 01, a sentença em Língua Portuguesa é composta já no início por um elemento referencial catafórico “Elas”, uma vez que a remissão é feita para frente, por meio do referente “As mulheres”. Enquanto isso, no quadro 02, após tradução para glosa-Libras, o que em português era um elemento referencial catafórico, passou a ser um dêitico, por meio dos sinais “MULHER^EL@S”, ou seja, o referente já é mencionado e apontado. Na sequência, esse referente dêitico é retomado e, concomitantemente, apontado por meio da mesma expressão “MULHER^EL@S” (anáfora correferencial sem recategorização), logo, tem-se um dêitico-anafórico. Ao comparar a Língua Portuguesa com a glosa-Libras, é possível perceber diferença já na construção da coesão textual. Para manter o mesmo sentido da língua de partida, o tradutor necessitou estabelecer mudanças em relação aos mecanismos referenciais, principalmente porque a língua de chegada é de modalidade visuoespacial. Em outras palavras, na Libras, além de retomar, é fundamental apontar, para que a comunicação ocorra de forma coesa e coerente. Assim sendo, o discurso direto é outra característica forte no processo referencial na glosa-Libras, além, evidentemente, do verbo que direciona para ideias objetivas e contundentes, específicas da referida modalidade.

**Análise da sentença 02:**

**Quadro 01**

▶ <b>Texto em Língua Portuguesa:</b>
<u>Um velho</u> senta num banco de praça para descansar. Ele fica olhando para aquele céu estrelado.
<b>Dêitico:</b> aquele (pronome demonstrativo).
<b>Anáfora pronominal:</b> Ele (refere-se a ‘um velho’).

**Quadro 02**

▶ <b>Glosa-Libras:</b>
HOMEM^VELHO BANCO/SENTAR SENTAR PRAÇA DESCANSAR. EL@ OLHAR CÉU ESTRELAS.
<b>Dêitico:</b> OLHAR (verbo com concordância, o qual aponta/direciona para o local ‘aquele’).
<b>Dêitico-anafórico pronominal (simultâneo):</b> EL@ (retoma ‘HOMEM^VELHO’).

Na sentença que compõem o quadro 01, da análise 02, a introdução do objeto-de-discurso ocorre por meio da expressão nominal indefinida “Um velho”, que posteriormente é retomada por meio de uma anáfora pronominal “Ele”. Além da anáfora, o processo referencial dessa sentença é marcado também pelo dêitico “aquele” (pronome demonstrativo). Em contrapartida, na glosa-Libras, no quadro 02, o referente foi apresentado como “HOMEM^VELHO”, sem a presença do artigo indefinido. O artigo (definido ou indefinido) não se faz presente na estrutura gramatical da Libras, uma vez que o sinal<sup>10</sup>, composto pelos cinco parâmetros, consegue por si só definir o objeto-de-discurso. Esse referente “HOMEM^VELHO” foi reconstruído, na glosa-Libras, por meio de um dêitico anafórico pronominal “EL@”, ou seja, além de retomar, ao considerar a modalidade visuoespacial, foi necessário também apontar, simultaneamente. Quanto ao dêitico usado na sentença em Língua Portuguesa – “aquele” – na glosa-Libras, com o intuito de localizar o interlocutor no espaço, o pronome demonstrativo foi “substituído” pelo verbo no infinitivo “OLHAR”. Claro que ao realizar o referido sinal, ficará implícito o pronome em questão, uma vez que trata-se de um verbo com concordância, o qual apontará/direcionará para o local (“CÉU ESTRELAS”). Novamente é visível a forte presença do discurso direto e a forma específica dos verbos na constituição dos elementos referenciais.

<sup>10</sup> Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo esse lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros (QUADROS; KARNOPP, 2004).

### Análise da sentença 03:

#### Quadro 01

<p>► <b>Texto em Língua Portuguesa:</b></p>
<p>As pessoas quebraram o último banco &lt;assento&gt; da praça que nós tínhamos para sentar. Elas precisam pagar por isso.</p>
<p><b>Anáforas:</b> Isso (pronome demonstrativo); Elas (retoma ‘As pessoas’ do enunciado).</p>

#### Quadro 02

<p>► <b>Glosa-Libras:</b></p>
<p>PASSADO PESSOA+++ QUEBRAR ÚLTIMO BANCO/SENTAR PRAÇA NÓS TER SENTAR. EL@S PRECISAR PAGAR ISSO.</p>
<p><b>Dêitico:</b> NÓS (pronome - participantes do discurso).</p>
<p><b>Dêitico-anafórico pronominal (simultâneo):</b> EL@S (retoma PESSOA+++; apontar pessoa); ISSO (aponta para o local, nesse caso para o banco quebrado).</p>

Na análise da sentença 03, no quadro 01, a introdução do referente ocorre por meio do objeto-de-discurso “As pessoas”, que posteriormente é retomado com uma anáfora pronominal “Elas”. Em seguida, a expressão “quebraram o último banco da praça”, que remete a uma ação delinquentemente contra o patrimônio público, é retomada também por meio de uma anáfora pronominal “isso”. Já na glosa-Libras, no quadro 02, o referente “PESSOA+++”, além de não estar acompanhado do artigo “as”, é retomado com o dêitico-anafórico pronominal, ou seja, ao mesmo tempo em que retoma, realiza-se o ato de apontar para pessoas já marcadas no contexto enunciativo.

Outra questão relevante a ser destacada diz respeito ao pronome pessoal “nós”, que na glosa-Libras assume função dêitica, com a intenção de localizar, no referido espaço, os indivíduos que compõem o discurso. É importante frisar que nesse processo de tradução Língua Portuguesa-Libras o tradutor deparou-se com inúmeras possibilidades lexicais para representar o elemento da língua de partida de forma significativa na língua de chegada. Entre tantos, escolheu o que mais lhe foi apropriado. Por essa razão, pode-se dizer que houve uma retextualização, que caracteriza a tradução como um evento comunicativo único, proposto por Baker (1993).

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com as reflexões realizadas, ainda que preliminares, foi possível perceber como se configura um texto em Língua Portuguesa e em Libras (revelou-se a complexidade e singularidade da tradução para a língua de sinais). Além disso, verificou-se como os elementos referenciais se comportam no procedimento de retextualização, por meio da Língua Portuguesa para a glosa-Libras. A princípio, parece que o dêitico-anafórico é o mecanismo de coesão e coerência mais presente nas glosas. Tais elementos utilizados recorrem, muitas vezes, ao discurso direto, i.e., é muito comum que o tradutor utilize-se de elementos referenciais diretos, recategorizados ou não, uma vez que a tradução Língua Portuguesa-Libras deve ser a mais próxima possível do texto original. Nessa perspectiva, o modo como os verbos flexionam, a forte presença dos dêiticos, bem como a predominância do discurso direto nas estruturas da Libras são alguns fatores que caracterizam o processo de referenciação, durante a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. É possível, com alguns resultados obtidos até o momento, por meio dessa pesquisa, observar a construção de um *Corpus* Paralelo, produzido não apenas com informações gramaticais, de modo a permitir que os investigadores possam facilmente extrair do *corpus* apenas o que lhes interessa para análises específicas de suas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Ed.). **Text and technology**: in honour of John Sinclair. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

BERBER SARDINHA, A. P. **Uso de corpora na formação de tradutores**. D.E.L.T.A. 19:Especial, p. 43-70. 2003.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. – Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.436, Presidência da República, dispõe a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Brasília, 24 de abril de 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-45.

\_\_\_\_\_. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. **Veredas** - Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2004.

\_\_\_\_\_. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, Graça Maria; SILVA, Fátima; FIGUEIREDO, Olívia Maria. (Org.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1 ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, v. 1, p. 263-276. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4564.pdf>> Acesso em: 12 de ago. 2013.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processo de referenciação na produção discursiva. **DELTA** - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 169-190, 1998.

LEAL, Christiana Lourenço. **Estratégias de referenciação da produção escrita de alunos surdos**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011. Tese (doutorado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-graduação.

MAGALHÃES, Célia M. 2001. Pesquisas textuais/discursivas em tradução: O uso de corpora. In: A. PAGANO (Org.). **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG. cap. 4.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

\_\_\_\_\_. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

\_\_\_\_\_; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Orgs.) **Gramática do português falado**. v. VIII. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 31-56.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação*. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete; CIULLA, Alena (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).

QUADROS, Ronice Muller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

\_\_\_\_\_, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Renata Sousa. Os gêneros discursivos em livro didático para surdos: análise dos procedimentos tradutórios aplicados de português para Libras. In: **Libras em estudo: tradução/interpretação**. Neiva de Aquino Albres e Vania de Aquino Albres Santiago. São Paulo: FENEIS, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.